

A saída é a moratória. Opinião de Celso Furtado.

O economista Celso Furtado, ex-ministro do Planejamento, disse ontem que "o País não deve denunciar o acordo com o FMI, mas sim renunciar aos recursos do FMI". Furtado esteve em Brasília para manter contatos com a direção nacional do PMDB, para coordenar a elaboração de um documento com propostas alternativas à crise sócio-econômica.

Celso Furtado voltou a defender a moratória — "que, tacitamente, já existe" —, mas somente depois que o Brasil resolver sua situação junto ao FMI, "renunciando aos recursos do órgão". Lembrou que o Brasil precisa mostrar aos bancos credores a inviabilidade de continuar fazendo novos empréstimos e pagando taxas altíssimas para consegui-los. "Nenhum banco aceita a hipótese de um governo quebrar", observou.

Para Celso Furtado, renunciando aos recursos do FMI e declarando a moratória perante os bancos privados internacionais, o Brasil não teria maiores dificuldades em renegociar suas dívidas oficiais com governos e empresas estatais do Exterior. Sobre as consequências da moratória junto aos bancos, o ex-suprintendente da Sudene observou: "Problema de insolvência é dos bancos privados. City Bank, por exemplo, tem aplicados no Brasil, no setor público e no setor privado 83% da sua reserva".

Segundo ele em outros países há intermediários ganhando comissões de até 3% sobre a dívida negociada. Na Argentina, este dado foi revelado por decisão judicial, mediante ação pública. O presidente e o secretário-geral do PMDB, Ulysses Guimarães e Francisco Pinto, ficaram muito impressionados com essas revelações. "No Brasil deve estar acontecendo a mesma coisa", disseram eles.